

Paulo Renato
Viegas Damé
Doutorando,
Universidade
do Estado de
Santa Catarina;
paulodame@
gmail.com

Casa Redonda: a construção da casa como construção do ser

Round House: the construction of the house as construction of being

Resumo: O artigo tem como tema o processo de construção da casa de maneira colaborativa no meio rural, envolvendo a comunidade local e comunidade acadêmica, adotando princípios da permacultura, da sustentabilidade radical, economia de energia e reuso de materiais. É uma proposição em arte que privilegia a troca de saberes, afetos e o cuidado de si, resultando na Casa Redonda como um dispositivo artístico relacional.

Palavras-chave: Arte colaborativa; sustentabilidade radical; cuidado de si.

Abstract: The article focuses on the process of building the house in a collaborative way in the rural environment, involving the local community and academic community, adopting principles of permaculture, radical sustainability, energy saving and reuse of materials. It is a proposition in art that privileges the exchange of knowledges, affections and the care of itself, resulting in Casa Redonda as an artistic relational device.

Keywords: Collaborative art; Radical sustainability; Caring for each other

CONSTRUIR E HABITAR COLABORATIVAMENTE

A partir do processo artístico Casa Redonda, este texto abordará relatos e reflexões, que partem da construção de uma casa sustentável, e a produção de alimentos orgânicos, no meio rural, somado a complexidade que abrange o sustento do homem neste lugar. Esta é uma proposição em arte colaborativa, que ao envolver pessoas de culturas distintas, originárias do meio urbano e da cultura local do homem do campo, se propõe com este viver juntos, mesmo que temporariamente, afetar a construção do Ser.

Em muitas situações a cultura capitalista é ambição e ganância, para gerar um acúmulo extrai da natureza o máximo, porque “[...] é próprio da

natureza humana gerar certo excedente”. (EAGLETON, 2011, p.145), sem o cuidado de preservar recursos naturais para as gerações futuras. Como deixa bem claro a chamada de propaganda da multinacional Monsanto: “como tirar o máximo de comida de um pingo de chuva”, (Lippard, 2014, p.165). Dentre as características da contemporaneidade, destacam-se o conflito e o desequilíbrio entre homem e a natureza. A cultura atual sabendo que está em situação difícil ou comprometida, vai sendo transformada, em direções que exigem um pensamento sustentável e complexo. Por um lado, consumimos mais recursos naturais do que o planeta pode gerar. Por outro, as identidades, sejam elas individuais, regionais ou nacionais são constantemente problematizadas no atual contexto de multiculturalismo e globalização. Hoje a própria globalização se apropria de imagens para gerar lucro, criando produtos midiáticos. O conceito de sustentabilidade virou produto de consumo. No âmbito comunitário, frequentemente a vida familiar se restringe aos parentes mais próximos; os vizinhos já não se conhecem, e as interações sociais são fragmentadas e reduzidas ao mínimo necessário. E ainda mais fragilizada está a relação conosco, com os nossos próprios pensamentos: “É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela, social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva”, (GUATTARI, 2009, p.8). Será que podemos concluir que estamos mal relacionados com a natureza, com a cultura, com o outro e com nós mesmos? Atualmente estamos mais preocupados em consumir e reproduzir coisas, e esquecemos da nossa construção individual enquanto Ser, enquanto sujeitos da nossa própria existência, o que Foucault (2014) chama de “cultura de si”. E esse cultivar-se não terá que ser no coletivo?

O homem em sua natureza reage ao meio, encontrando novas maneiras de agir diante de situações adversas. Diante da natureza o que o homem com sua cultura faz neste interstício, é tentar se impor, colocar em prática suas ideias, executar seus projetos. Buscando uma outra abordagem é que

1. O processo artístico criativo Casa Redonda, tem início com a construção de uma casa com princípios sustentáveis, com a colaboração de acadêmicos universitários e pessoas locais, em meio a natureza, numa propriedade rural situada no interior de Encruzilhada do Sul/RS, de 2015.

propomos, o processo artístico criativo colaborativo Casa Redonda¹.

A proposta é trabalhar com uma construção viva, pensando a dinâmica da natureza e tentando usar os mecanismos naturais como aliados. Além disso, trabalhar colaborativamente com outros sujeitos, que unem potenciais humanos para pensar e executar o projeto, e também aumentando a complexidade por envolver pessoas com culturas distintas, saberes singulares, que frente às emergências do mundo atual precisam ser compartilhados, reunindo grupos que interagem dentro de um sistema de convívio real - este embate, também funciona como método de autoconhecimento.

Uma aproximação da comunidade universitária da comunidade rural, através de encontros, proporcionou a troca de saberes e afetos entre essas culturas distintas, possibilitando reconhecerem-se mutuamente e reconhecer cada um seu valor e a importância de seus saberes. As pessoas do campo, muitas vezes por não terem uma educação formal mais completa, não tem consciência de sua cultura, acreditando na mídia que a maioria das vezes valoriza somente o espetacular e as coisas vindas de culturas estrangeiras, desprezando culturas mais simples, acabam impondo uma homogeneização na cultura. Nesse sentido, a aquisição de produtos-espetáculos, como as imagens da televisão, suscita nas pessoas que as assistem, interesse pelos acontecimentos do mundo, mas as impedem de formar uma opinião crítica sobre algo que está muito próximo do seu cotidiano (CERTEAU, 1994).

Os saberes de pessoas do campo, que vivem mais próximas da terra, que observam e consideram os ciclos da natureza, estão se perdendo. “Como pode alguém ser ao mesmo tempo cultivado e culto, inexoravelmente formado por um modo de vida e ainda assim cheio de empatia imaginativa por outros tais mundos de vida?” (EAGLETON, 2011, p.138). Hoje é indispensável resgatar estes conhecimentos mais primordiais, que aliados à tecnologia disponível, se fazem necessários para quem quiser produzir seu próprio alimento, tratar seus resíduos e produzir uma energia limpa, necessária para o bem viver e ter uma melhor qualidade de vida em harmo-

nia com o meio ambiente.

SABERES COMPARTILHADOS AJUDAM A EMPODERAR O HOMEM

Este processo criativo em arte pública de novo gênero², propõe a construção de novas formas de habitar o mundo, tendo como método a colaboração em três níveis:

- no ato criativo, ativar o saber do outro, trazendo de fora para dentro do processo;
- na ação da construção, a construção da casa a partir de uma conceitualização dos princípios da permacultura;
- a criação de novas relações, o mais complexo é estabelecer novas formas de relações entre as pessoas.

Neste sentido, a geração de ecologias culturais, é o que propõe Reinaldo Laddaga (2009, p.18), onde afirma que:

[...] ‘modos de vida social artificial’, o que não significa que não se realizem através da interação de pessoas reais: significa que seus pontos de partida são arranjos aparentemente - e da perspectiva dos saberes comuns na situação em que aparecem - improváveis. E que dão lugar ao desenvolvimento de comunidades experimentais, enquanto têm como ponto de partida ações voluntárias, que vêm reorganizar os dados da situação em que acontecem de maneiras imprevisíveis, e também mediante seu desenvolvimento pretende averiguar coisas mais gerais com respeito às condições da vida social no presente.

Os níveis citados anteriormente refletem o pensamento da Sustentabilidade Radical, Kellogg (2008), onde o sujeito produz seu próprio alimento, trata seus resíduos e produz a energia que necessita para viver. É uma forma sistêmica de estabelecer relações entre a natureza e a cultura visando à construção do Ser. É na presença da subjetividade do outro que podemos nos

2. Blanco (2001, p.29), citando Nina Felshin em “;Pero esto es arte?” diz: As discussões sobre o que se passou a chamar de arte pública de novo gênero, incluíram a noção de comunidade ou de público como constituintes do lugar e definiram o artista público como aquele ou aquela cujo trabalho é sensível aos assuntos, necessidades e interesses comunitários (tradução nossa).

reconhecer e nós conhecermos melhor. Entendemos estes processos e a Casa Redonda como lugar de encontros. Não é um lugar de isolamento, onde o artista se refugia, mas um lugar de convívio.

O processo artístico colaborativo Casa Redonda está sendo desenvolvido dentro de uma propriedade particular rural, que se mantém dentro de princípios de uma cultura gaúcha tradicional, que como empresa rural tenta se adaptar as regras econômicas, priorizando o lucro acima dos cuidados com o próprio homem e a natureza. Como dialogar com uma cultura tão estabelecida? Em Casa Redonda se propõe criar novos espaços de pensamento através de práticas que se tornaram absolutas àquele lugar.

CASA REDONDA

Casa Redonda é uma proposição artística, a que nos lançamos a construir um processo/casa, iniciado em 2009 que teve como start um momento de aumento da temperatura no final do ano de 2008, e a desconfortável sensação de calor passados nesta época. Temos presenciado uma mudança drástica nos processos climáticos, e o homem pela sua natureza reage a isto, buscando criativamente, maneiras de solucionar problemas provocados pelo aquecimento global. A partir de uma lembrança da infância, de um verão muito quente e a sensação de conforto térmico da casa de um tio, feita com

terra, construída com leiva³ e telhado de capim santa-fé⁴, veio a decisão de construir a casa com as próprias mãos e com o auxílio de colaboradores é claro, porque partimos do princípio que nada fazemos sós. E ainda levando em conta: a recuperação de tradições de construção, o reuso de materiais, a economia de energia, a sustentabilidade radical, tratamento de esgoto, captação de água da chuva, e estar aberto a toda ideia que viesse somar-se a este pensamento do bem viver, e do habitar poeticamente. “Continuo achando que Sezefredo das Neves não era poeta para poesia; era poeta para viver poesia”, embora se referindo a literatura, trazemos esta frase

de Salim Miguel (2005, p.29), para falar deste habitar poeticamente. Sobre isso, ainda Heidegger (2012, p.167) diz que: “[...] é a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? Mediante um construir. Entendida como deixar-habitar, poesia é um construir”.

O primeiro passo para construir uma casa, dentro de uma tradição local era identificar e fazer uma boa fonte de água potável e que não secasse durante as estiagens, o que foi feito durante o verão de 2009, em um período longo sem chuvas. O estágio seguinte foi a escolha do lugar da casa, tendo como principal critério a chegada da água até a casa por gravidade, sem o auxílio de bomba elétrica.

Conversas e pesquisas se seguiram com diversas pessoas, sobre métodos de construção com terra, chegando-se a técnica de superadobe⁵. As pedras do alicerce e algumas madeiras antigas, usadas para os marcos das aberturas, foram doadas de demolições de uma propriedade vizinha, que fora construída, há muitos anos.

A construção não possuía um projeto fixo, cada etapa era decidida quando iniciada, guardando uma flexibilidade para melhores soluções que se apresentassem. Heidegger (2012, p.169) escreve: “[...]”construir é, precisamente, uma consequência do habitar e não a sua razão de ser ou mesmo a sua fundamentação”. Construir sem tempo para concluir a obra, o sentido se faz no processo de construir e não no atingir o final do trabalho. O fazer já é um habitar. Em geral as construções têm como objetivo a finalização, para ocupar o espaço imediatamente, devido às necessidades de moradia destes tempos, como diz Heidegger (2012, p.165): “nosso habitar está sufocado pela crise habitacional”. Sem pressa, começamos a pensar na construção da casa como dispositivo artístico relacional, e que seria possível construí-la de forma muito mais criativa e eficiente, se realizada colaborativamente, pensando no envolvimento da comunidade universitária juntamente com a comunidade rural local. Desses encontros criativos e afetivos, surgiram

3. Para construir com leiva, são retirados retângulos de terra de aproximadamente 40 x 40 centímetros com grama, o que ajuda a fixar os pedaços de terra, que vão sendo sobrepostos e compactados para levantar a parede.

4. Capim tradicionalmente utilizado para cobertura de telhados.

5. Superadobe, técnica desenvolvida pelo arquiteto Iraniano Nader Kalili, que usa uma técnica de guerra para fins pacíficos. Consiste em ensacar terra úmida do lugar, sobrepondo os sacos na parede e apiloando para compactar. A forma circular da casa confere mais estabilidade para parede.

031

desejos e saberes que foram compartilhados e transformados em propostas colaborativas, ampliando o processo artístico inicial. Desdobramentos como: a horta geodésica, cultivo em agrofloresta, biodigestor e produção de gás, pó de pedra como fertilizante do solo, plantação de videiras para produção de vinho e suco orgânicos, foram alguns dos desejos de colaboradores da Casa Redonda, e que já estão em andamento.

Holmes (2013, p.13) afirma que: “a arte tem se convertido em um complexo ‘dispositivo’: um laboratório móvel e um teatro experimental para a investigação e a instigação da transformação social e cultural”. O sentido do dispositivo não está no objeto em si, mas nas possibilidades deflagradas a partir do objeto.

Para preparar este trabalho colaborativo foram formalizados dois projetos de extensão universitária, envolvendo a Universidade Federal de Pelotas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Instituto Federal de Santa Catarina e a comunidade rural local. Na forma de encontros, os eventos junto a construção da Casa Redonda organizaram-se em duas frentes, a manutenção do grupo - alimentação, hospedagem e necessidades individuais - e o trabalho coletivo em diversas oficinas. Segundo Hildegger (2012), de acordo com sociólogos, a vida social e histórica do homem de hoje está completamente caracterizada pelo ‘coletivo’, ainda podemos constatar que atitudes individualistas geram oposição e transtornos ao desenvolvimento dos grupos sociais. Neste processo, o qual estamos vivenciando, o que estamos buscando é o trabalho colaborativo, que se distingue de outros processos coletivos.

Enquanto que o primeiro a autoria é compartilhada, e determina o andamento e a direção tomada no grupo. Já em processos coletivos, não colaborativos, podem simplesmente realizar o que já está determinado.

Os eventos são desenvolvidos em forma de permanência ou residência artística, realizando oficinas propostas pelos participantes, como construção de forno de pão, oficina de pão caseiro, construção de parede com

superadobe, oficina de tirar leite, dirigir trator, oficina de preparo de chimarrão, confecção de petecas, entre outras. “A presença da música como manifestação espontânea, foi algo que se manteve constantemente em todos os encontros. As formas musicais preencheram os espaços - tempo do campo como composição; na música composta colaborativamente, Ela Dirigi o Trator Sem Sutiã, que descrevia um dia inteiro de atividades do grupo” (KINCELER, et al., 2015, p.81).

Não só no esforço físico braçal, mas nas soluções práticas foi fundamental a ação colaborativa, no qual o grupo criou métodos eficientes, baseados na observação das necessidades, e no entendimento do trabalho em grupo, e como grupo, onde cada indivíduo faz parte do coletivo.

A construção está sendo desenvolvida sem antecipação das etapas, ou seja, utilizando um método mais orgânico, solucionando cada passo que se apresenta. Desta forma foi de fundamental importância a contribuição dos colaboradores, que a partir de suas percepções, experiências e saberes, foram discutindo e fazendo propostas alternativas para os problemas surgidos na execução.

A CONSTRUÇÃO DO SER

Em Casa Redonda, vemos que a arte invade a vida, com deslocamentos culturais para dentro de uma propriedade rural, mundo real. A construção da Casa Redonda, a construção do lugar, de habitar, de permanecer, de demorar.

Na medida em que construímos a casa com as próprias mãos, construímos a nós mesmos, conhecemos nosso potencial e nossas limitações, físicas e psicológicas. O quanto nosso corpo resiste ao trabalho pesado a que não estamos habituados e como vamos acostumando-o aos esforços e tornando-nos mais resistentes à medida que vamos exercitando-o no trabalho. E de como a natureza humana reage às situações as quais não está

acostumada, esta, também é uma forma de auto-conhecimento. Foucault (2014) fala do cuidado do homem consigo mesmo e com sua alma. “É na medida em que é livre e racional - e livre de ser racional - que o homem é na natureza o ser que foi encarregado do cuidado de si próprio”. (FOUCAULT, 2014, p.61)

A colaboração na construção inclui o sujeito no opinar, projetar, sonhar e habitar, “construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar”, Heidegger (2012, p.140). Neste sentido a proposta é estar inteiro, e não simplesmente ser um ajudante ou participar como mão de obra. “Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar como meta”. (Heidegger, 2012, p.125). Poderíamos ainda, acrescentar que este construir, junto com o outro, empodera o colaborador.

Quando Heidegger (2012), fala no sentido de habitar, que construir pode ser entendido como cultivo e crescimento, construir no sentido de edificar construções. Habitar, morar, demorar-se é o lugar onde se convive.

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra. (HEIDGGER, 2012, p.129).

031

As pessoas que vem para Casa Redonda, do urbano oriundas das universidades, deslocadas para este lugar, saem de sua área de conforto, encontrando um espaço tempo modificado, e ao mesmo tempo modificando o lugar com sua presença e suas ações, praticando o lugar, criando espaços. O lugar que aqui encontram é a propriedade rural, com atividades de pecuária e suas peculiaridades. Ao vivenciar o lugar, ao praticá-lo

com sua cultura e seus saberes, são criados outros espaços de cultura e de saber. Permitindo o empoderamento tanto de si quanto da comunidade local, assim como de todos que participam do processo artístico. Estas aproximações e trocas culturais se dão por meio do afeto, nestes períodos de convívio, a porosidade de cada cultura permite acesso a estes espaços criados neste lugar.

Podemos perceber que a cultura do homem rural está em constante influência, considerando a dinâmica da natureza, e as demais informações que lhe chegam, existe um diálogo e de certa maneira, um respeito para com o ambiente natural. Por outro lado, alguns conceitos estão muito arraigados que os mantêm engessados em práticas que poderiam ser realizadas de maneiras mais eficientes.

O homem urbano está conectado com múltiplas possibilidades culturais e tecnológicas do mundo globalizado, porém mais distanciado das questões ambientais, das dinâmicas cíclicas da natureza e do trabalho com a terra e do rigor imposto ao corpo nas lidas do campo. Com o vivenciar dos dias, as pessoas vão adaptando seus ritmos e processos criativos, ao que a natureza vai impondo, o entardecer e o nascer do sol, o dormir e o acordar, a chuva e o sol, o campo e a casa, o despertar com o canto dos pássaros, o adormecerem com a música em torno da fogueira.

Antes da casa, o lugar era somente campo aberto, com pastos verdes na primavera, geada branca no inverno, ocupado pelo gado, por animais silvestres, insetos e plantas. Heidegger (2012, p.135) escreve: “já nos espaços, espaçados, arrumados pelos lugares, sempre se descobre o espaço como um espaço-entre e, nesse novamente, o espaço como pura extensão”. No edificar e habitar o lugar se criam sentidos individuais e coletivos, cada pessoa através de suas experiências, constrói sentidos para si e para o grupo, o espaço como lugar praticado (CERTEAU, 1994).

Heidegger (2012, p.135) diz que: “essas relações entre o lugar e os espaços, entre os espaços e os espaços, poderemos adquirir uma base para

pensar a relação entre o homem e o espaço”. Do construir a casa, surge a casa como lugar, e neste lugar são possibilitadas as construções das relações entre pessoas, relações de afeto. Afetar e ser afetado pelo outro.

Pensando a construção da casa como lugar para ser habitado por toda uma vida, senão pela mesma pessoa, mas enfim, por pessoas, que possuem necessidades semelhantes, como segurança, mobilidade, conforto térmico/acústico, buscando assim construir um espaço saudável e lúdico, para viver e sonhar, e que atenda as necessidades práticas do cotidiano. Um espaço seguro, estável quanto à estrutura física, protegido e isento de umidade para evitar o desenvolvimento de mofo, causadores de inúmeras doenças.

Construir o espaço não adotando soluções prontas, mas repensando o que já existe, adequando às pessoas que a habitam e com a flexibilidade de poder a qualquer momento reconstruir e readequar a novas necessidades de uso. O espaço como laboratório da descoberta da criança, que guarda brechas para a poesia no viver, espaço para contar histórias, recordar, compartilhar experiências, espaço para silenciar a mente e dar lugar à alegria do coração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos que colocar a palavra “natureza” entre aspas (EAGLETON, 2011), porque nada mais é natural. As plantas e os animais estão alterados geneticamente, o clima está mudado, a terra está contaminada. As ações sobre o meio e as transformações culturais são inevitáveis, faz parte da natureza do homem adaptar o ambiente a suas vontades. Mas o que estamos propondo é agir de uma forma mais consciente, a olhar a nós mesmos de maneira crítica, como parte de um contexto social para entender o nosso papel nos processos naturais, resgatando técnicas antigas e conhecimentos menos invasivos e agressivos para com a natureza e para nós mesmos, sendo responsável pelo nosso próprio futuro. A “natureza” irá sempre se adaptar e reagir às modificações, é claro que arcaando com perdas e prejuízos que acabam sempre retornando ao homem, o que o homem

faz a terra faz a si mesmo. E para que o homem não processe mudanças tão agressivas visando apenas o lucro e o “progresso”, é preciso cultivar, cuidar e construir o seu Ser. É no cruzamento de saberes que a cultura poderá fazer sentido.

REFERÊNCIAS

- BLANCO, P. Explorando el terreno. In: BLANCO, P.; CARRILLO, J.; CLARAMONTE, J.; EXPÓSITO, M. (Orgs.) **Modos de Hacer, Arte Crítico, Esfera Pública y Acción Directa**. Salamanca/Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca, 2001.
- CADU. **Preparando a 30 Bienal**. /Cadu. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uRiLez9YRYI>. Acesso em 20 mar. 2014.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. 1994. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1994.
- EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. Tradução Sandra Castello Branco, revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- HEIDEGGER, Marin. Ensaios e conferências. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HOLMES, Brian. **El dispositivo artístico, o la articulación de enunciaciones colectivas**. Brumaria. n. 7, Editorial Virus. s/d. Disponível em: <http://rsalas.webs.ull.es/rsalas/materiales/lr%20Holmes,%20B.%20El%20dispositivo%20art%20C3%ADstico.pdf>. Acesso em 28 mar. 2014.
- KELLOGG, S. PETTIGREW, S. **Toolbox for sustainable city living**. Nova York: Medgar Evers College. 2008.
- KINCELER, J.L., DAMÉ, P., ROSA, T., LIMA, L. **Casa Redonda: Espaço colaborativo para reinvenção de saberes e afetos**. In: Org: CIRILO, J., GRANDO, A. Mediações e Enfrentamentos da Arte. São Paulo: Intermeios. 2015.
- LADDAGA, R. **Estética da Emergência**. São Paulo, Martins Fontes. 2012.
- LIPPARD, L. **Undermining**. New York, The New Press. 2014.
- MIGUEL, Salim. **A vida breve de Sezefredo das Neves**, Poeta. Rio de Janeiro: Editora Record. 2005.